

“Morar na cidade hoje”: Representações Sociais da Moradia em Goiânia

Rodrigo de Oliveira Soares¹

O presente artigo vem com algumas reflexões inerentes a minha pesquisa de doutorado, surgiu a partir da conclusão de minha dissertação de mestrado defendida no programa de pós – Graduação em Geografia da Universidade de Brasília. Em nosso trabalho de mestrado partimos da idéia de representações sociais advindas da psicologia social de Serge Moscovici e Denise Jodelet para analisarmos a relação dos moradores do assentamento Real Conquista com o espaço construído da casa. Partindo desse prisma, em nossas pesquisas de idas e vindas à região sudoeste de Goiânia para o recolhimento de material para dissertação, entramos em contato com uma outra realidade espacial ali localizada: a de um condomínio de luxo. E a partir de tal realidade, observamos que Goiânia, como outras grandes cidades de hoje, aponta para novas formas de apropriação da cidade, criadas a partir de novas formas de viveres urbanos.

Percebemos também uma possibilidade de dar continuidade em nossa pesquisa que se enfatizou em um estudo do espaço a partir de um viés das subjetividades. Analisamos que cada relato nos levava a perceber a relação de cada morador com sua casa, onde o **sistema de objetos**² ali contido seriam as formas com que os indivíduos se apropriam do espaço urbano, como uma realidade posta a eles. A partir dessa constatação elevamos a reflexão de nosso estudo para um exercício hipotético, pensar como os moradores do condomínio de luxo se apropriariam de sua realidade urbana, suposição da qual poderíamos traçar um perfil de análise partindo

¹ Aluno do programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (nível doutorado – Orientado pelo Doutor Marcos Menezes), formado em História pela Universidade Católica de Goiás (UCG), especialista em História Cultural pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC – Go), Mestre em Geografia Urbana pela Universidade Brasília (UNB)

² Aqui usamos as ideias contidas no livro de mesmo título do autor Jean Braudrillard, citado nas referências bibliográficas deste projeto

de como esses diferentes grupos se relacionam com o espaço urbano e sua heterogeneidade.

Para compreendermos como esses dois grupos se articulam com sua realidade espacial, partiremos do estudo da representação social da moradia. Assim, poderemos levar em conta a *“necessidade de métodos e técnicas capazes de fornecer informações sobre aspectos objetivos e subjetivos que moldam ou determinam o comportamento e a relação do morador com sua moradia”*(OLIVEIRA,2007) e, partindo dessa premissa, propomos engendrar um estudo sobre como esses diferentes grupos vivem e se apropriam de sua realidade urbana.

Para isso, partimos da ótica de estudos que pautem o urbano a partir das práticas, ou viveres urbanos, percebendo como esses novos *“habitus”* (BOURDIEU, 2005) podem nos aportar como possibilidade de interpretação, de como os indivíduos constroem sua realidade histórica no interior da cidade hoje. Isso uma vez que, desde a consolidação do mundo moderno e do capitalismo como modo de produção, a *“questão urbana”* (CASTELS,2000) se torna o local em que o *“indivíduo desempenha um papel”* (GOFFMAN,2005).

“O século XX é o século das cidades” (BORJA, 1994). Partindo dessa afirmação, tomamos a cidade como palco privilegiado para um estudo do tempo presente. A partir de uma leitura cultural, podemos ir *“além do espaço urbano”*, PESAVENTO (1992). É o que pretende o estudo aqui proposto: pensar o urbano a partir das representações da moradia, como nos aponta Certeau, é interpretar como a força imaginária dos habitantes do espaço urbano constrói sentidos,essa proposta *“que aborda os sistemas simbólicos de idéias imagens de representação coletiva a que se dá nome de imaginário social”* (PESAVENTO, 1992). Essa articulação do individuo e seu meio torna-se construtora de uma *“rede de significados”* (GEERTZ, 1989), alçando o espaço urbano à excelência, para uma interpretação de como o homem no presente vem construindo essas redes.

Em nosso estudo de caso, analisar o tempo presente pelo viés da História Cultural Urbana é perceber que as interseções com as representações, as identidades e as produções de sentidos da vida humana. Elas permitem que analisemos os casos distintos, como relações sociais (acordo e contradições) construtoras de história. Os dois casos, tanto o assentamento Real Conquista e o condomínio Jardins Madrid, são espaços planejados pelo que consideramos os “*produtores de espaço*” (RONCAYOLO apud PESAVENTO, 1992), criadores de uma realidade espacial, sendo o Estado no caso do assentamento, e o capital imobiliário no caso do condomínio de luxo. Ambos os casos constroem uma ideia de urbano que pretende “**parecer**”, dentro de modelos que para eles são colocados como modernos ou corretas formas de viveres urbanos.

Entretanto, em nosso estudo a partir das representações da moradia pelo viés dos estudos culturais urbanos para uma história do presente, é verificar o espaço urbano do “**ser**”, esse concebido pelos “*consumidores de espaço*” (PESAVENTO, 1992) e na “*invenção do cotidiano*” (CERTEAU,2003) em que o espaço planejado, idealizado e imposto, é apropriado, transformado, interferido, conferindo um sentido próprio para o espaço por eles habitado.

Uma “*história viva contínua e aberta*” (FOUCAULT,2008) do espaço urbano pretende interpretar as “*maneiras de fazer*”(CERTEAU,2003) dos habitantes, em transformar, por meio da apropriação, **locais em lugares**. Diferenciando a partir daí o **espaço criado**, do **espaço real**, a partir de leituras de grupos distintos, e conferindo ao espaço urbano uma imagem de “*palimpsesto*” (HARVEY,1989).

Com isso, ao considerar Goiânia como **palimpsesto** rico em formas de apropriação, uma das marcas dessa metrópole viva na qual vem se tornando a passos largos, em seus lugares os seres urbanos adquirem alteridade, “*construindo pertencimentos díspares e experiências cada vez mais complexas*” (PESAVENTO, 1992).

A CASA DO ASSENTADO E A CASA DO CONDOMÍNIO: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MORADIA NA PERIFEIRA GOIANIENSE

Fazendo uma ligação com os comentários dos vários autores que discutem o espaço urbano como produtor (palco, objeto ou sujeito) de história, introduzimos ao nosso pretense projeto de pesquisa, tomando o ato do morar como consolidador, sua realidade espacial. Partindo desse pressuposto, concordamos com CHARTIER (1991) de que é preciso recusar uma análise de grupos distintos em seus hábitos, pela perspectiva da oposição (econômica, status ou até mesmo microscópica). Para conseguirmos responder aos nossos anseios de pesquisa, partiremos das representações da moradia e como elas são construídas de acordo com cada grupo, assim poderemos entender como eles se apropriam e constroem símbolos de existência ou de vivência urbana, justificando a ideia de múltiplos espaços no espaço urbano.

São os **seres urbanos** do Real Conquista e dos Jardins Madrid que constroem representações de realidade. São essas construções que vamos buscar interpretar, como Clifford Geertz nos ensina, tomaremos-las como uma construção autônoma, um documento a ser desvendado, para compreender como os indivíduos constroem suas relações sociais e, a partir delas, história. Localizados na Região Sudoeste, da cidade Goiânia, a história toma corpo a partir das décadas de 80 e 90, **na cidade ilegal**, induzida pelo capital privado ou pelo Estado, com suas políticas de moradia, consolidando a zona de expansão urbana da capital, resultado da segregação espacial da capital goiana. A Região Sudoeste entra no novo século como a região que mais cresce em Goiânia, em percentual **populacional segundo o censo de 2000 (IBGE – SEPLAM)³, pulando de uma população de 17.715 em 1991 para 57.638, com uma taxa anual de 14,01%**. Essa dinâmica se explica pelas novas atitudes do Estado que, pressionado “a

³ SEPLAM – Secretaria de Planejamento de Goiânia

atender uma forte demanda reprimida” (MOYSÉS. 2004), libera novos loteamentos (leis 7.222/94 e lei 7.715/97).

Essa demanda reprimida está representada pelos dois grupos, que hoje se alojam na Região Sudoeste da cidade. O primeiro caso é o dos moradores do assentamento Real Conquista, o qual começou a se delinear a partir de Janeiro de 2007, o terreno escolhido, perto do residencial Itaipu, teve a participação de membros dos ex-ocupantes do Parque Oeste / Sonho Real na escolha do terreno, que necessitava seguir algumas diretrizes, como estar em zona urbana, facilidade de acesso, ter uma viabilidade real de construção de infraestrutura e, principalmente, ser uma área regularizada (mesmo ambientalmente falando).

Criado para resolver um problema do déficit habitacional, o Real Conquista é o resultado direto do processo histórico das cidades modernas, *“da manufatura e da pequena empresa, para grande indústria é também, e sobretudo o tempo da <<falta de habitações>>”*. (ENGLS, 1983). A partir dessa constatação, os habitantes do assentamento Real Conquista e seu relacionamento com o espaço da casa, transformam o espaço por eles habitado em muito mais que um assentamento, teorizado como **“produtores de espaço”**, deste relacionamento e conferindo aspectos em que se pode debruçar para um estudo cultural, de como historicamente os indivíduos se apropriam da cidade, e como se dá essa relação entre indivíduo e espaço.

Ao andar com seu Valdomiro⁴, percebíamos que as ruas cortadas de forma larga, com números e lotes para identificação, eram trocadas pela casa do morador que ali habitasse. Era nessa ausência que nos aportávamos para nos localizar dentro do assentamento, sendo assim, *“da variabilidade e da pluralidade da compreensão (ou incompreensões)”* (CHARTIER, 2002), nas interseções criadas pelo cotidiano que a história se torna viva e heterogênea do ponto de vista de análise, invertendo o pressuposto

⁴ Pessoa colocada como responsável pela Associação de Moradores do Real Conquista para me guiar no assentamento e falar com os moradores

hegeliano de que a história é fruto de acontecimentos, ou pessoas colocadas na candura de diretoras da história

Dentro dessa ordem, o segundo objeto a ser pesquisado, os Jardins Madrid, faz parte da nova realidade, onde “{...} condomínios fechados não são um fenômeno isolado, mas versão residencial de uma nova forma de segregação nas cidades contemporâneas” (CALDEIRA, 2003). Como já citado, uma demanda cada vez maior, advinda dos “novos bandeirantes” (MOYSÉS, 2004), faz com que a apropriação do espaço urbano goiano se transforme, como se verifica nas fontes documentais de planejamento urbano: “A partir do final da década de 1970, com a crise econômica dos anos de 1980 e 1990, a crise de moradias também começa a atingir a classe média.” (SEPLAM, 2002)

A segregação para os habitantes ou “**consumidores de espaço**”, dos Jardins Madrid, é rearticulado pela elite, no sentido de que para os assentados do Real Conquista, a segregação é colocada como única opção para obtenção de direito ao espaço urbano. Já para os condôminos dos Jardins Madrid, é uma opção. A “*auto-segregação*” (CALDEIRA, 2003), é a nova forma das elites consumirem o espaço urbano, com isso **mudando o padrão conceitual do que vem a ser segregação espacial urbana**. Partindo dessa premissa, podemos analisar através do cotidiano desses moradores localizados em pontos extremos da periferia de Goiânia, a forma com que eles vivem e analisam essa condição de verificar um caráter de flexibilidade desses locais de moradia.

Devido a essas características, os condomínios de luxo prezam pela homogeneidade, onde é criado um estado de ruptura ou negação ao espaço urbano em que estão inseridos, {...} “*claramente demarcados por todos os tipos de barreiras físicas e artifícios de distanciamento e sua presença no espaço da cidade é uma evidente afirmação de diferenciação social*” (CALDEIRA, 2003). A casa para essa elite tende conferir símbolos de status, resultado de uma nova forma das classes altas construir seus valores, onde o morar coletivamente e na periferia, deixa de ser estigma,

para conferir status, suplantando a visão espacial – econômica do centro – elite, periferia – pobres/excluídos.

Esse novo jeito de habitar o espaço urbano tem início nos Estados Unidos na década 1970, chegando ao Brasil em suas grandes capitais na década de 90, e em Goiânia no final do século anterior, os condomínios de luxo têm algo de particular em seu contexto brasileiro, são murados e de acesso controlados, e os projetos de casa são heterogêneos, *“Embora a homogeneidade social seja obviamente valorizada, a homegeneidade do projeto não o é {...} (CALDEIRA,2003.p. 259).*

Percebemos que essa *“casa de papel”* (SOARES, 2009) é transformada para dar aspectos identitários; ela se transforma em *“de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico”* BACHELARD (1988). Através da subjetivação, o espaço da casa vai além do projeto, transformando-se e sendo facilmente reconhecido o indivíduo que ali vive. Em cada casa que entramos, percebemos na ordem ou na desordem, disposição do mobiliário ou ausência desse, que tudo já compunha um relato de vida (CERTEAU. 2003), cada casa é o *“corpo vivido”* (GUATTARI:1992), inseparabilidade que valida o espaço de nossa discussão, o *“espaço humano”* (SANTOS:2004).

Para que essa construção representacional aconteça, os projetos concebidos pelos produtores de espaço, mesmo com seus regulamentos, são transformados pela interferência dos indivíduos. O estudo cultural do urbano visa interpretar, a partir da visão dos moradores, como eles constroem uma realidade espacial, onde a casa é colocada como o ponto de partida de sua integração ao espaço urbano, ao pertencimento, à identidade, *“na casa, no lugar próprio que, por definição, não poderia ser lugar de outrem”* (CERTEAU,2003). Nas práticas cotidianas podemos perceber como a moradia torna-se construtor e construção desses significados, contribuindo para uma análise do Tempo Presente em suas especificidades culturais.

Para nossa pesquisa, delimitamos trabalhar com conceitos advindos das novas tendências dos estudos em História, pautados por uma rica contribuição de outras áreas das ciências humanas, principalmente vinculadas à Antropologia. Essas novas perspectivas de se fazer História estão dentro de um novo contexto que BURKE (2005) chama de “*virada cultural*”.

Partindo do que Bourdieu nos ensina sobre os métodos científicos, sabemos que “*Não existe um 'caminho real' para ciência, {...} que o estudo científico do homem é problemático, {...} e tem dividido a opinião dos próprios historiadores*”. (ARÓSTEGUI, 2006), e com essas constatações, concordamos com Jorn Rusen que a construção da História como ciência, devido aos progressos científicos nas ciências humanas, a tornou relativa.

Em nossa pesquisa, para entendermos essa complexidade da construção histórica, partiremos de que a realidade não varia de acordo com o contexto social, o que varia são as representações que construímos na perspectiva de apreendê-la. Para fins históricos metodológicos, o conceito das representações sociais se torna central, dando continuidade ao conceito utilizado em nosso trabalho de mestrado tomado da Psicologia Social de Moscovisci e Denise Jodelet.

Para o nosso estudo se basear na Teoria das Representações Sociais, servir-nos-á para compreendermos melhor a relação do morador com a moradia, a lógica de sua relação com espaço da casa, a partir de suas intervenções, isso dando um sentido ao espaço e o transformando em um **espaço humano**. Outra nuance de trabalhar com as Representações Sociais e sua legitimação para o saber do senso comum, podemos buscar entender como a consciência social em determinado contexto ou tempo histórico é concebida e vivida.

Para fins metodológicos, trabalhar com as representações sociais é abandonar a dicotomia entre sujeito e objeto, possibilitando a integração entre o sujeito e suas experiências prévias. A partir desse elemento, o indivíduo consegue racionalizar, ou dar sentido a sua vivência em si, e para

com outros elementos do grupo a que pertence. Para um estudo histórico do tempo presente, como nos ensina Moscovisci, pautar-nos pelo estudo das representações sociais é algo que está na atualidade, pois a história parte de uma teoria sendo ela parte desta mesma teoria.

Para a história tomar o conceito de representação social, é preciso buscar no cotidiano do indivíduo as linguagens as quais ele busca para construir e definir sua realidade, com isso verificar que o “mundo representado” é na verdade o “mundo existente” em si para cada ser humano. O Estudo da Moradia como representação social nos permite, em um estudo histórico, entender como determinadas decisões e comportamentos foram construídos. No caso do espaço da casa em si, podemos analisar as identidades criadas por grupos específicos, em suas interferências, sejam elas materiais (objetos), sejam elas subjetivas, em que cada moradia representa algo significativo na vida dos indivíduos e nos grupos distintos aqui mencionados; a identidade nunca é dada de uma só vez, ela está na percepção do outro. Um segundo aspecto é o fator memória; o estudo das representações sociais tem em seu componente teórico, a função de ter na memória uma das forças motrizes de significação do mundo. Ela é o conhecimento anterior, dá uma valoração à representação, no caso da moradia, o que ela significa para quem nela habita, e faz dela um personagem a ser pesquisado.

Para fins metodológicos que aqui expomos ao trabalhar com a História do Tempo Presente partindo das representações sociais, a partir de que o marco temporal adquire um novo significado, a partir das subjetividades criadas pela moradia, pois as questões relativas a passado e futuro se tornam fugidias, apesar de estarmos delimitando o tempo presente como marco temporal, ele nos parece escapável e móvel a partir do desenvolvimento da pesquisa, pois para cada indivíduo, a forma como ele relata, desconstrói a nós cada perspectiva de análise de tempo linear que possamos conceber cientificamente como histórico.

Para que possamos trabalhar com aspectos representacionais da moradia, propõe-se como fator principal em sua feitura, a utilização **da fala** como recurso de fonte. Quando propomos a fala como recurso de pesquisa, estamos defendendo a utilização da entrevista como método de recolhimento de informações. Então, nosso referencial metodológico tem como base as proposições da pesquisa da História Oral, suas diretrizes serão nosso norte para que possamos fazer viável a pesquisa por nós idealizada.

Para o desenvolvimento de nosso trabalho, com utilização de depoimentos orais como fonte de pesquisa, expomos um estudo de caso não encontrado por “acaso”, mas sim, dentro de diretrizes de ordem em que a ideologia, referenciais teóricos e envolvimento com o pesquisado nos fazem perceber que estaremos mediados pelo simbólico, assim rompendo a relação dicotômica de sujeito e objeto e, com isso, trazendo do invisível o visível para nossa pesquisa.

Outra característica é a interdisciplinaridade como base da metodologia por excelência, em dois níveis, seja em seu aparato de referências teóricas, na qual bebemos em fontes como Sociologia, Antropologia, História e Psicologia, seja em sua aplicabilidade em áreas como Economia, Administração, Serviço Social, Música e, em nosso caso de mestrado, a Geografia, que utiliza das bases metodológicas da História Oral para ampliar o leque de possibilidades de pesquisas dos objetos de estudo.

Para darmos sequência ao nosso trabalho, temos como apontamento metodológico que o trabalho, com fontes orais, exige uma necessidade de tempo e recursos financeiros (ALBERTI, 2006). E ter como entendimento a fonte oral é um caminho para a pesquisa, mas não o centro de processo de pesquisa. Então, no processo de feitura, temos em mente duas perguntas: a primeira, quais possibilidades elas nos apresentam na área de pesquisa, e a segunda, quais serão os problemas que as fontes orais poderão ajudar a solucionar. (ALBERTI, 2006).

Para nós, que trabalharemos com o espaço a partir de sua representação social, a fonte oral nos dá possibilidade de estudar as formas com que as pessoas constroem suas “realidades”, com isso, podemos colocar em xeque as interpretações generalizantes sobre o assunto por nós trabalhado, como diz ALBERTI (2006): “*A capacidade de a entrevista contradizer as generalizações*” faz com que ampliemos nossa percepção sobre o estudo do espaço, como continua a autora em sua afirmativa sobre o sentido da entrevista dar possibilidade de *mudança de perspectiva*.

A entrevista como recurso de captação de fonte para as pesquisas funda-se em dois princípios de documentos: o da fita gravada ou da entrevista transcrita, mas ambos com a mesma base essencial: a memória, sendo ela a mola propulsora dos depoimentos dados em pesquisa, é construir um trabalho científico alicerçado na memória, com isso, em subjetividades, o que para alguns (em nossa opinião) conservadores é um ponto problemático ou uma “*distorção*”. Para nós, é um ponto crucial para termos acesso em como o indivíduo e os grupos se enxergam dentro do espaço onde eles vivem. Com essas informações, temos inteligível que lidamos com uma construção da memória, devemos, como indica ALBERTI (2006), “*evitar a polaridade simplificadora entre ‘memória oficial’ e ‘memória dominada’*”, para nós, que trabalharemos com depoimento dos assentados, isso é fundante, pois queremos buscar a construção da realidade pelos assentados em nosso trabalho, porém, sabendo que é uma parte de um constructo fragmentário (cada grupo, cada um), não identificando o tipo da memória. Acreditamos que a pesquisa fica mais rica e caminha junto com nossa proposta de estudo das representações. E concluímos que essas são apenas reflexões que podem ou não ser confirmadas, haja vista, que ainda estamos na leitura de bibliografias específicas e iniciando o preparo o trabalho de campo, mas partir de algumas idéias podemos construir um norte de como nosso trabalho pode ser desenvolvido.

BIBLIOGRAFIA.

- AROSTÉGUI, Júlio. **A pesquisa Histórica: teoria e método**. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Nova Cultural - **Os Pensadores** - 1988, p. 93-266.
- BORJA, Jordi. Entrevistas. In: GRIMBERG. Elisabeth. **O Futuro das Cidades**. São Paulo: Polis Publicações No (16)
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2005.
- BURKE, Peter. **O que é a História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- CALDEIRA, Teresa do Rio. **Cidade Muros. Crime, Segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34, 2003
- CASTELS, Manuel. **A questão Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000
- CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Coleção Memória e Soledade. Portugal: Difel, 2002.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989
- _____. **O saber Local**. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 1997.
- GUATTARI, Félix. **CAOSMOSE. Um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2006
- GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG
- _____. **O Direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**. Investigação em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2003
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da Cidade: visões literárias do Urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora Universidade /UFRGS, 2002.
- _____. **Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 8, No 16, 1995, pg. 279 - 290
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994
- _____, GIARDI, Luce, MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano. Morar e cozinhar**. Petrópolis, RJ. 2003
- MOYSÉS, Aristides. **Goiânia a metrópole não planejada**. . Goiânia: Ed da UCG, 2004
- RUSEN, Jorn. **Reconstrução do Passado. Teoria da História II: princípios de pesquisa histórica**. Brasília: Editora UNB
- SANTOS, Milton. **Pensando Espaço do Homem**. São Paulo: Edusp, 2004.